

**MICHEL COLLOT**

**A  
MATÉRIA-EMOÇÃO**



oficina

Original: Collot, Michel. *La matière-émotion*. Paris: PUF, 1997.

© Oficina Raquel, 2018

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Raquel Menezes

TRADUÇÃO

Patricia Souza Silva

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Ana Ferreira Adão

REVISÃO TÉCNICA

Débora Castro

REVISÃO EM PORTUGUÊS

Marleide Anchieta / Aline Erthal

COORDENAÇÃO DA EQUIPE DE TRADUÇÃO E REVISÃO

Ida Alves

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Baptista



[www.oficinaraquel.com](http://www.oficinaraquel.com)

[oficina@oficinaraquel.com](mailto:oficina@oficinaraquel.com)

[facebook.com/Editora-Oficina-Raquel](https://facebook.com/Editora-Oficina-Raquel)

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A matéria-emoção. Michel Collot. Tradução Patricia Souza Silva. – 1 ed – Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

Tradução de *La matière-émotion*

178 p.

ISBN 978-85-9500-030-8

1. Tradução 2. Michel Collot 3. Ensaio

CDD 840

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2016 Carlos Drummond de Andrade do Instituto Francês do Brasil, contou com o apoio do Ministério Francês da Europa e das relações exteriores.

INSTITUT  
FRANÇAIS  
BRASIL



# Sumário

<i>Para iniciar a leitura, Ida Alves</i>	7
<i>Prefácio, Michel Collot</i>	13
<i>Da experiência emocional à emoção poética</i>	21
Elogio de uma suspeita	22
A experiência emocional	24
O sentir e o ressentir	29
Da emoção ao poema	41
<i>O sujeito lírico fora de si</i>	47
Estar fora de si	48
O “embricamento lírico”	53
Da “poesia objetiva”...	62
... ao “Partido das coisas”	68
<i>A entrada na matéria</i>	79
Teorias	82
História	95
Do material da escrita...	113
...às escritas da matéria	124
<i>Alquimia da gênese</i>	134
O exemplo de Supervielle	135
Pré-texto e inconsciente	148
Genética e temática	154
Verso e prosa	159

## Para iniciar a leitura

Pela segunda vez, a Oficina Raquel, mantendo uma linha editorial atenta à reflexão literária, acolhe o projeto de publicar, em língua portuguesa, a produção ensaística de Michel Collot, o qual, desde os anos oitenta, como professor, ensaísta e poeta, vem produzindo diversas obras<sup>1</sup> sobre poética, filosofia da paisagem e diferentes poetas franceses modernos e contemporâneos, a partir de abordagens que partem, sobretudo, da fenomenologia hermenêutica e da crítica temática. Além disso, coordena há anos, na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3, um Seminário internacional permanente “Vers une géographie littéraire”, do qual participam inúmeros pesquisadores dedicados ao estudo da paisagem e sua relação com o literário. Essa

---

<sup>1</sup> De sua bibliografia ativa, destacamos: *L'Horizon fabuleux*, 2. vols., Paris: Corti, 1988; *La Poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris: PUF, coll. “Écriture”, 1989; *Francis Ponge entre mots et choses*, Champ Vallon, 1991; *Paysage et poésie du romantisme à nos jours*. Paris: Corti, 2005. *Pour une géographie littéraire*, Corti, 2014.

atividade tem gerado também diversas coletâneas de estudos sobre paisagem, com interesses interdisciplinares e interculturais. Assim, poesia e paisagem bem podem ser as duas palavras-chave de sua bibliografia ativa individual e coletiva de mais de vinte títulos, com sua reflexão se organizando em torno de três espaços fundamentais, em sua concepção estética e ética da literatura: o sujeito, o mundo e as palavras. Em 2013, publicamos em português uma reunião de estudos preparada pelo autor para o leitor brasileiro: *Poética e filosofia da paisagem*, que muito ampliou sua recepção entre nós.

Desta vez, apresentamos um outro conjunto de ensaios que formam a primeira parte do livro intitulado *La matière-émotion* (PUF, 1997). Nessa obra que assumidamente prolonga e complementa obra anterior (1989), *La poésie moderne et la structure d'horizon*, ainda sem tradução entre nós, o autor discute teoricamente como a emoção precisa ser repensada na produção lírica contemporânea e, para isso, vale-se de uma abordagem plural que privilegia exatamente a crítica temática e a crítica genética, para além do pensamento filosófico, da teoria da percepção, da psicanálise e da poética. As questões propostas em torno do lírico e antilírico, da subjetividade lírica e alteridade, da importância da materialidade poética unem-se num panorama teórico bastante amplo para todos que se interessam pelo pensamento da poesia, sua criação, recepção e compreensão. Na edição original, a segunda parte do livro dividida em três seções nomeadas “Le moi”, “Le mon-

de” e “Les mots” estrutura-se com estudos dedicados a importantes nomes da poesia francesa como Supervielle, Michaux, Ponge, Reverdy, Senghor, J. Dupin, B. Noël, Leclerc e um autor-compositor-intérprete musical Brassens, com a análise de diferentes aspectos da materialidade do verso: ritmo, métrica, sintaxe, mas também o jogo de deslocamentos entre escrita e imaginário, memória e intensidade imagética, concretizando e ampliando, em estudos específicos, o que havia discutido na primeira parte ora apresentada nesta edição brasileira.

Privilegiamos somente essa primeira parte, com o objetivo de que as ideias aí desenvolvidas possam provocar diálogos críticos e analíticos com poetas de língua portuguesa. Um dos estudos, aliás, “O sujeito lírico fora de si” já recebeu duas versões em português<sup>2</sup>, sempre com ótima ressonância. Temos visto, contemporaneamente, com a realidade virtual, uma maior circulação de estudos de poesia, seja no exterior, seja no Brasil, e a tradução de obras de reconhecida densidade reflexiva só vem a contribuir no alargamento do pensamento do poético, para além de necessária democratização do conhecimento, abrindo-se diálogos comparativos e permitindo-se o encontro de diferentes perspectivas teóricas, analíticas e críticas.

---

<sup>2</sup> Uma versão foi publicada na revista *Signótica* (UFG), vol. 25, n. 1, 2013, por Zênia de Faria e Patrícia Souza Silva Cesaro; outra, por Alberto Pucheu, na revista *Terceira Margem* (UFRJ), nº 11, 2004

Naturalmente, a matéria de que trata este livro é complexa e o trabalho tradutório encontra, por vezes, determinadas dificuldades para obter o resultado plenamente satisfatório de deslocamento de ideias de uma língua a outra. Nossa coordenação buscou um trabalho em equipe que garantisse a qualidade da versão em português e a fidelidade ao pensamento do autor. No caso, a tradução inicial foi realizada por Patrícia Souza Silva, radicada há anos em França, onde foi aluna de Michel Collot, na Paris 3, e pôde acompanhar de perto suas ideias. Atua na docência em diferentes países francofônicos e desenvolve estudos também sobre poesia. Tal tradução foi revista por Ana Ferreira Adão, doutora em Letras pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris 4, onde leciona teoria literária e língua portuguesa. A versão já em português foi ainda revista pelos professores Marleide Anchieta (Secretaria de Educação – Niterói, Doutora em Letras UFF), Luis Maffei (Graduação e Pós-Graduação Letras UFF) e por nós, sendo ajustada ao máximo para que se conservasse, na língua de chegada, a clareza de exposição que caracteriza Michel Collot, como docente e ensaísta. Essa equipe buscou realizar, portanto, um trabalho sério e compromissado com o projeto de trazer ao leitor brasileiro estudos de poesia de inegável importância. Se atingimos esse objetivo, só esse mesmo leitor poderá julgar.

De qualquer forma, acreditamos na contribuição que tal publicação possa dar ao aprofundamento dos estudos teóricos de poesia moderna e contemporânea entre nós,

campo de pesquisa presente em diferentes Programas de Pós-Graduação brasileiros, mas, além disso, é obra que pode importar a vários leitores que, não sendo acadêmicos, tem interesse também em compreender melhor o que torna a poesia um *pensar-sentir* ou, como defende Collot, a matéria-emoção por excelência.

*Ida Alves*<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Professora de graduação e pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro. Pesquisadora do CNPq. Colidera o Grupo de Pesquisa *Poesia e Contemporaneidade e Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa* (<http://www.gtestudosdepaisagem.uff.br/>)



# Prefácio

Este trabalho inscreve-se no prolongamento e foi feito em complemento a uma obra precedente, *A poesia moderna e a estrutura do horizonte*, publicada em 1989, na mesma coleção<sup>1</sup>. O objetivo da obra em questão era mostrar que, ao encontro de uma teoria de inspiração estruturalista, que valorizava o hermetismo textual e definia a função poética como mensagem linguística autorreferente, os poetas modernos nunca deixaram de vincular a escrita a um horizonte, cuja marca é sensível tanto para a temática como para a economia semântica e formal de suas obras.

A emoção me parece ser algo impensado da poética contemporânea. Tal emoção continua a ser bastante suspeita, apesar da evolução da teoria linguística, que concede um lugar cada vez mais importante à “subjetividade na lingua-

---

<sup>1</sup> Nota de tradução: o autor refere-se à Coleção Écriture, da PUF (Presses Universitaires de France). Tanto *A poesia moderna e a estrutura do horizonte* como *A matéria-emoção* foram aí publicados.

gem”, assim como da prática dos poetas, que muito reabilitou o lirismo. Muitos escritores invocam-na quando falam de suas experiências, mas têm o cuidado de evitar que seja uma palavra de ordem em suas reflexões e em seus manifestos. Sem dúvida, é difícil teorizar a emoção, o que explica a ausência prudente da maioria dos teóricos da poesia e mantém a confusão acerca desta noção mal definida. E, como não há verdadeiros esforços para elucidá-la, parece ser evidente, de uma vez por todas, que a emoção conduz inevitavelmente ao irracional, ao obscurantismo e ao sentimentalismo.

Não é surpreendente que um surrealista como Breton faça da “intensidade excepcional da emoção diante do espetáculo da vida”<sup>2</sup> um critério essencial de poesia, ou que um primitivista como Senghor lhe faça eco, caracterizando a Negritude como a “faculdade de se emocionar”<sup>3</sup>. No entanto, é mais surpreendente ver os poetas mais lúcidos requererem a emoção, como Valéry, quando define a poesia como “a tentativa de representar, pelos meios da linguagem articulada, essas coisas, ou esta coisa, que tentam, obscuramente, expressar os gritos, as lágrimas, as carícias, os beijos, os suspiros”<sup>4</sup>. Seria a poesia uma espécie de domínio reservado à expressão de uma afetividade reprimida na existência cotidiana e no uso comum da linguagem?

---

<sup>2</sup> Prefácio ao *Cahier d'un retour au pays natal* de Césaire (rééd. «Présence africaine», 1971, p. 21)

<sup>3</sup> L'Afrique noire. La civilisation négro-africaine, *Liberté I*, Seuil, 1964, p. 70.

<sup>4</sup> *Tel Quel, Œuvres*, t. II, Pléiade, 1960, p. 547.

Mas como compreender então que os poetas considerados menos líricos também coloquem a emoção no cerne de suas experiências? Francis Ponge, o poeta do “partido das coisas”, que tanto se acautela da subjetividade, classifica a si mesmo como um dos muitos “artistas” para quem “tudo começa por uma sensação, por uma emoção”<sup>5</sup>. A emoção não é um fenômeno puramente subjetivo, e sim a resposta afetiva de um sujeito ao encontrar um ser ou alguma coisa do mundo exterior que ele pode tentar interiorizar ao criar um outro objeto, fonte de uma emoção análoga, porém nova: o poema ou a obra de arte.

Deste modo, emoção está também associada a um horizonte, que transborda o sujeito, mas pelo qual ele se exprime. Ela é o lado afetivo desta relação com o mundo que me parece constitutiva da experiência poética. No entanto, ainda mais que o horizonte, a emoção escapa à representação, e somente pode tomar forma por meio de uma matéria que é, ao mesmo tempo, a do corpo, a do mundo e a das palavras. René Char selou esta relação íntima entre a matéria e a emoção num aforismo de *Moulin premier*, que deu seu título e seu impulso à presente obra:

Audácia de ser um instante ele mesmo a forma realizada do poema. Bem-estar de ter vislumbrado cintilar a matéria-emoção instantaneamente rainha<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> *Pour un Malherbe*, Gallimard, 1965, p. 246.

<sup>6</sup> *Moulin premier, Œuvres complètes*, Pléiade, 1983, p. 62.

A fórmula de Char traça um hífen fulgurante entre duas noções que a tradição situa em lugares diametralmente opostos, entre o mais “objetivo” e o mais “subjetivo”. Ela reúne os “dois espaços imemoriais” que foram separados por muito tempo e que, hoje, a poesia “abraça”: “O primeiro, o espaço íntimo, onde trabalham nossa imaginação e nossos sentimentos; o segundo, o espaço circular, que é o do mundo concreto”<sup>7</sup>. Ao questionar todos os dualismos herdados da tradição poética e filosófica, tal fórmula contribui para uma redefinição moderna do lirismo. A emoção não é o estado interior de uma bela alma, mas toma corpo somente através da substância das coisas e das palavras: “O sentimento, como você sabe, é filho da matéria; ele é seu olhar admiravelmente sutil”<sup>8</sup>. O sujeito lírico não repousa em si mesmo como uma entidade psíquica autônoma; ele existe somente para se encarnar numa língua e num mundo. Não o cosmos etéreo das ideias e dos ideais, mas o universo físico e sensível. Sua matéria, entretanto, não deve ser considerada como uma massa inerte e amorfa; ela é animada por uma energia que a faz se satisfazer no sentimento e “cintilar” no poema. A “forma” deste último, por mais “realizada” que seja, não é uma construção intelectual e artificial, mas repousa no trabalho simultâneo da emoção e da matéria verbal.

Na continuação desta fórmula tão fortemente sintética, proponho-me a explicitar as ligações que unem a

---

<sup>7</sup> *Aromates chasseurs*, Ibidem, p. 507

<sup>8</sup> Le rempart de brindilles, *Les Matinaux*, Ibid., p. 360.

redefinição moderna do sujeito lírico a uma reavaliação da matéria e a uma nova prática da linguagem. Ao fazê-lo, gostaria de tentar superar as divisões que frequentemente petrificam o debate contemporâneo sobre a poesia. Sabe-se que, há alguns anos, tal debate opõe os defensores de um “novo lirismo” a uma tendência “antilírica”, que reivindica o “objetivismo” americano e/ou um “literalismo” que resulta de *Tel Quel*. Face ao hermetismo ou à trivialidade, às vezes induzidos pelo formalismo e pelo materialismo das vanguardas que predominaram na França durante os anos 1960 e 1970, uma nova geração de poetas, desde 1980, tentou renovar sua linguagem com uma escrita mais legível e mais transitiva, para reencontrar “o antigo sopro lírico ou a direção pessoal entusiasta da frase”<sup>9</sup>.

Esta reação salutar nem sempre foi isenta de ambiguidades ou de regressões. O apelo ao lirismo, por mais novo que se mostre, foi, por vezes, acompanhado de uma volta às formas e fórmulas banhadas pela tradição. Dando fim ao desaparecimento elocutório do poema, esse lirismo deixou que alguns poemas fossem invadidos pela complacência autobiográfica, o derramamento sentimental e a ilusão lírica, o que mesmo seus defensores mais lúcidos denunciam<sup>10</sup>. Seus depreciadores mais resolutos lhe repro-

---

<sup>9</sup> Mallarmé, *Crise de vers, Œuvres complètes*, Pléiade, 1945, p. 366.

<sup>10</sup> Ver Jean-Michel Maulpoix, *L'illusion lyrique*, em *La Poésie malgré tout*, Mercure de France, 1995.

cham, particularmente, seu subjetivismo e seu idealismo e, geralmente, lhe opõem a palavra de ordem de um novo realismo, às vezes associado, de modo problemático, a um materialismo linguístico, que faz da literalidade a única via de acesso possível à realidade<sup>11</sup>.

Em suas versões mais polêmicas, tal posição antilírica tem fortes chances de reconduzir às divisões tradicionais: o exterior e o interior, a matéria e a ideia, a emoção e o conhecimento. Invertendo a hierarquia e a prioridade entre os termos dessas antíteses, ali garante sua perenidade. Erguer o objeto contra o sujeito, o corpo contra a mente, a letra contra a significação, é perder o essencial, e o mais difícil de conceber, que é sua implicação recíproca. A poesia moderna nos convida a nos libertarmos dessas dicotomias para tentar compreender como o sujeito lírico se constitui em uma relação com o objeto, a qual passa, nomeadamente, pelo corpo e pelo sentido, mas que faz sentido e nos comove através da matéria do mundo e das palavras.

Fiel à abordagem que sempre foi a minha, tentarei, assim, mostrar como, no poema, misturam-se intimamente a expressão de um sujeito, a construção de uma imagem do mundo e a elaboração de uma forma verbal, e com isto questionarei, especialmente, o aspecto material, por meio de uma atenção privilegiada ao jogo de seus significantes

---

<sup>11</sup> Por exemplo, é a posição defendida por Jean-Marie Gleize em *A noir, Poésie et littéralité*, Seuil, 1992.

e, quando possível, por um estudo preciso de seus manuscritos. Assim, aos métodos da crítica temática, da psicanálise e da poética, cuja conjugação me é familiar, associarei os da crítica genética, que as dinamiza, proporcionando-lhes um novo domínio de investigação. O estudo dos manuscritos evidencia bem a diversidade de componentes que interferem na gênese do poema: moções pulsionais e controle da consciência, afetos e representações, busca de um sentido e associações de ideias, restrições formais e deriva do significante. Esta interação complexa impõe ao geneticista uma abordagem que combina vários métodos críticos, aqueles que foram experimentados no estudo dos textos, mas renovados pelo investimento no exame dos pré-textos.

Esta é a ocasião de esclarecer um debate interno à própria genética, que frequentemente se torna uma confrontação estéril entre os defensores de uma atitude puramente filológica, fundada na análise material e na classificação de documentos, e os adeptos de uma abordagem hermenêutica, que utilizam mais livremente o pré-texto para propor uma interpretação sobre ele. Porém, a originalidade da crítica genética, e um de seus principais interesses em nossa perspectiva, é, precisamente, situar-se no cruzamento dessas duas abordagens. É através de uma atenção mais escrupulosa à materialidade do texto e dos pré-textos que podemos apreender, em toda a sua riqueza, esta sutil alquimia do verbo, na qual entram em fusão e em reação recíproca o eu, o mundo e as palavras.

É esta interação que as reflexões gerais propostas na primeira parte desta obra tentam esclarecer<sup>12</sup>. Cada uma das partes seguintes enfoca uma das três constituintes da matéria-emoção, sem esquecer as outras, especialmente ao estudar algumas obras poéticas representativas: as de Supervielle, de Michaux, de Ponge, de Reverdy, de Senghor, de Lorand Gaspar, de Bernard Noël e de Jacques Dupin. O importante lugar concedido a Supervielle e a Ponge, que serão muitas vezes retomados em minhas proposições, deve-se ao desejo de aproveitar os ensinamentos de um trabalho de edição de suas produções, realizados paralelamente à redação desta obra<sup>13</sup>. E, para respeitar a tradição francesa, terminarei por apresentar canções de Leclerc e de Brassens.

*Michel Collot*

---

<sup>12</sup> Nota da tradução: na obra original, a segunda parte, não traduzida nesta edição brasileira, é dedicada ao estudo de diferentes poéticas a partir das ideias do eu, do mundo e das palavras. Os autores analisados são Supervielle, Michaux, Ponge, Reverdy, Senghor, J. Dupin, B. Noël, Leclerc e Brassens. Para esta edição brasileira, optou-se apenas pela tradução da primeira parte que, pelo seu conteúdo teórico, contribui para a reflexão sobre a poesia em geral.

<sup>13</sup> Supervielle, *Œuvres poétiques complètes*, «Bibliothèque de la Pléiade», 1995; *Douze petits écrits et Proèmes*, na edição das *Œuvres complètes de Ponge* preparada sob a direção de B. Beugnot, publicada pela «Bibliothèque de la Pléiade», 1999. Essa edição foi lançada depois da primeira publicação em francês deste ensaio.